

MOLL, Jaqueline (Org.). *Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. 504 p.

Maria Beatriz Pauperio Titton¹

O livro *Caminhos da Educação Integral no Brasil* insere-se num conjunto de obras que vêm oportunizando reflexões acerca da educação como formação integral, não como uma retórica, mas como um projeto coletivo viável, concretizado em práticas que possibilitam reinventar a escola, ressignificando não só seu lugar, central num projeto educativo, mas, sobretudo, como articuladora de ações, de educadores, agentes e instituições.

A organização desse livro muito se assemelha ao processo que instituiu, a partir de 2007, sob a coordenação do Ministério da Educação, amplo debate no território nacional sobre Educação Integral, alavancado pelo documento *Educação Integral: texto-referência para o debate nacional* (BRASIL, Ministério da Educação, 2009), por sua vez fruto de trabalho conjunto de representantes de diversas instâncias e esferas, além de pesquisadores, professores e educadores de várias regiões do país. A professora Jaqueline Moll, também responsável pela organização desse livro, vem, desde então, assumindo a gestão do processo que busca identificar e dar visibilidade a experiências já em curso, por meio de estudos realizados com o auxílio de pesquisadores de Universidades públicas, e incentivar e acompanhar tantas outras construídas e construindo-se, principalmente pela adesão ao Programa Mais Educação, indutor da política de Estado para a Educação Integral.

A importância desse registro deve-se ao fato de que a referida professora conseguiu organizar o livro através também de um amplo e democrático processo, em que escolhas e decisões foram sendo tomadas, uma a uma, no diálogo com e entre os autores e seus pontos de vista, ou a partir da vista de seus pontos, diversos, diferentes e complementares. Entusiasta de iniciativas que propiciam

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Brasil. E-mail: amtittton@terra.com.br.

a reinvenção da escola, orquestrou uma obra coletiva, polifônica e reveladora do movimento que atravessa o país em direção à ampliação não só dos tempos de e na escola, mas dos espaços entendidos como significativamente educativos.

Portanto, mais do que mais um livro sobre o tema da Educação Integral, *Caminhos da Educação Integral no Brasil* reúne textos que reafirmam o direito a outros tempos e espaços educativos, que só pode ser assegurado mediante um projeto de educação que considere a integralidade do ser humano e a responsabilidade social, portanto, coletiva, por esse projeto, o que demanda, certamente, novos pactos entre educadores, sociedade e governo.

O livro vem somar-se a outros, e, como em espiral, mergulha na história da educação brasileira e revisita autores consagrados e oferece subsídios para os debates e a reflexão sobre as práticas que vêm caracterizando o crescente movimento nacional em direção à Educação Integral a partir da escola, buscando inspiração nos processos históricos que oferecem, a cada tempo, pelo protagonismo de pensadores, novas ideias e conceitos. No prefácio, Lia Faria aponta a contribuição do livro enquanto referencial teórico para pesquisas, para a compreensão das marcas/marcos que, historicamente, permearam a luta pelo direito à educação no Brasil e para a visibilidade de experiências que revelam a possibilidade de repensar a escola pública brasileira em seus limites históricos e pedagógicos.

Mesmo que segmentado em três partes, cada uma delas com um conjunto de artigos que se aproximam quanto à abordagem do tema, o livro se organiza de modo a garantir a articulação e a complementaridade das reflexões apresentadas. Essa organização poderia estar a sugerir a não superação da dicotomia teoria-prática, uma vez que os artigos iniciais debruçam-se em considerações mais amplas e teóricas sobre a Educação Integral nos contextos históricos e políticos, enquanto que, na sequência, seguem-se artigos que estabelecem uma relação mais estreita entre teoria e prática, enfocando desafios do cotidiano da escola, até chegar-se, na terceira e última parte, à concretude de experiências resultantes de projetos educativos reais em curso no Brasil ou de sua história.

O que se vê, no entanto, é uma importante contribuição a educadores que circulam nas escolas, nas universidades, na gestão pública e na sociedade civil, para a construção de projetos na direção da Educação Integral, oferecendo referências teóricas e práticas. Ou seja, o livro, pela sua forma de organização, pode subsidiar a elaboração de projetos educativos em termos de fundamentos, contextos e possibilidades, ajudando a problematizar questões como *o que se quer, o que se tem à disposição e o que se pode fazer acontecer* ou, simplesmente, a relação entre *História e utopias, necessidades e recursos, ações e realizações*.

Miguel Arroyo, autor que vem inspirando iniciativas pedagógicas por todo o Brasil sob a perspectiva de novos tempos na escola, abre a primeira parte do livro, intitulada *Compondo matrizes para o debate* e composta por oito artigos,

discorrendo, no texto *O direito a tempos-espaços de um justo viver*, sobre políticas públicas e programas governamentais e a necessidade de serem superadas visões negativas sobre as infâncias-adolescências populares e de reforçar seu protagonismo e suas presenças afirmativas. Carlos R. Brandão, no artigo *O outro ao meu lado*, reflete sobre tempos remotos e atuais para pensar a partilha do saber e a educação de hoje, apontando para a importância de uma educação voltada à formação de pessoas capazes de criar um novo mundo humanizado.

Ainda nessa primeira parte do livro, três artigos debruçam-se sobre pressupostos conceituais e históricos acerca da Educação Integral a partir de educadores fundamentais para o debate contemporâneo: Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire. O direito à educação e a (re)humanização da educação continuam sendo referenciais para a problematização da qualidade social da educação pública, segundo Marcos Antonio M. das Chagas, Rosemaria J. V. Silva e Silvio Claudio Souza no texto *Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro*; também para Celso Ilgo Henz em *Paulo Freire e a Educação Integral* e Jaime Giolo em *Educação de tempo integral*. Fechando esse momento do livro, Ubiratan D'Ambrosio, com o artigo *Formação de valores: um enfoque transdisciplinar*, adverte que a Educação Integral implica na construção de conhecimento e na vivência de sistemas de valores subordinados à ética maior de respeito, solidariedade e cooperação; Marta K. O. Rabelo, com *Educação Integral como política pública: a sensível arte de (re)significar os tempos e os espaços educativos*, destaca o Programa Mais Educação para discutir a concepção de Educação Integral como política pública. E Jaqueline Moll discorre sobre os compromissos para a consolidação da Educação Integral como política pública e as contribuições do Programa Mais Educação no artigo *A agenda da Educação Integral*.

Na segunda parte, denominada *Possíveis configurações da escola*, os projetos educativos e o currículo podem ser vistos como elementos centrais das reflexões em que diferentes pesquisadores abordam tanto relações de ensino e de aprendizagem e práticas de gestão quanto a formação de educadores e interfaces com agências formadoras, saberes e conhecimentos, aproximando pressupostos teóricos e cotidiano da escola e desvelando novas relações que surgem a partir de um novo paradigma de Educação Integral. O texto de Suzana M. Pacheco e Maria Beatriz P. Titton, *Educação Integral: a construção de novas relações no cotidiano*, e *Os jovens educadores em um contexto de Educação Integral*, de Juarez Dayrell, Levindo D. Carvalho e Saulo Geber, debatem a presença de novos atores no interior da escola, em especial os jovens educadores, cujas características, estéticas e saberes nem sempre são reconhecidos, sendo percebidos estranhamentos nas relações com outros educadores.

Oferecendo contribuições importantes para a revisão de currículos, outro conjunto de artigos debate temas como sustentabilidade, intertransculturalida-

de, educação para a paz e direitos humanos: Rachel Trajber discute políticas públicas para os desafios da contemporaneidade em *Educação Integral em escolas sustentáveis*; Roberto Padilha defende a necessidade de articular saberes a partir de ações e parcerias intergeracionais, interterritoriais, intersetoriais e interculturais, princípios caros para a operacionalização de quaisquer projetos de Educação Integral, em *Educação Integral e currículo intertranscultural*; João Roberto de Araújo, em *Ensinar a paz: proposta para um currículo de Educação Integral*, analisa a relação entre agressividade, educação e violência; Paulo César Carbonari, em *Direitos humanos e Educação Integral: interfaces e desafios* retoma a ideia de educação enquanto formação de sujeitos de direitos.

Temas como alfabetismos e letramentos e sua relação com o Programa Mais Educação são debatidos por Ivany S. Ávila, no texto *Por entre olhares, danças, andanças, os alfabetismos, letramentos na perspectiva da Educação Integral*, assim como o da aprendizagem significativa é objeto de reflexão de Aleksandro dos S. Machado, em *Ampliação de tempo escolar e aprendizagens significativas: os diversos tempos da Educação Integral*. A questão da formação de professores, tanto do ponto de vista de política pública quanto do de interfaces com a universidade, é tratada por Verônica Branco, em *A política de formação continuada de professores*, e Inês Mamede, em *A integração da universidade para a formação*.

Encerrando essa segunda parte do livro, Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Cavaliere, em *Educação Integral e currículo integrado: quando dois conceitos se articulam em um programa*, buscam identificar os conceitos de Educação Integral e currículo integrado à luz de diferentes tendências e perspectivas teórico-metodológicas, em documentos referenciais do Programa Mais Educação. E Simone Valdete dos Santos, em *Educação Integral e educação profissional*, discute as interfaces possíveis entre educação profissional e Educação Integral com destaque ao PROEJA (Programa Nacional de Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos), instituinte de práticas pedagógicas na perspectiva da Educação Integral.

Até esse momento do livro é possível observar o diálogo entre teoria e prática, num crescendo, em que elementos teórico-práticos vão sendo oferecidos para que se possa pensar em possibilidades e desafios decorrentes de políticas, programas e ações, observados pelos diferentes autores, a partir dos lugares que ocupam no debate sobre Educação Integral na atualidade. Na terceira e última parte do livro, *Vivências e itinerários em políticas públicas*, o Brasil da diversidade ganha corpo nas significativas experiências de estados e municípios, dando visibilidade a histórias bem sucedidas de gestão pública na direção da Educação Integral, em que os autores refletem sobre concepções teórico-metodológicas dos projetos propostos e os impactos não só nos processos educativos da escola, mas também da comunidade e da cidade.

Abrindo essa parte, Gesuína Leclerc aborda a organicidade do Programa Mais Educação enquanto uma estratégia indutora da Educação Integral, no artigo *Programa Mais Educação e práticas de Educação Integral*. Experiências estaduais de Educação Integral são apresentadas por Adriana Sperandio e Janine M. P. de Castro, em *Mais tempo na escola: desafios compartilhados entre gestores, educadores e comunidade escolar da rede estadual de ensino do Espírito Santo (ES)*; também por Cláudia Cristina P. Santos e Roberto Carlos Vieira, em *Reflexão sobre o Programa Mais Educação na rede estadual de ensino da Bahia (BA)*; por Jaime Ricardo Ferreira e Seila Maria V. de Araújo, em *Ampliação de tempos e de oportunidades no contexto escolar da Secretaria de Educação de Goiás (GO)*, e por Rosa Luzardo, em *A experiência nas escolas de Cuiabá (MT)*, numa iniciativa do governo estadual.

Experiências municipais, oferecendo subsídios em termos de diretrizes conceituais e metodológicas, são apresentadas por Danilo de M. Souza, em *A experiência em Palmas (TO)*; Cláudio Aparecido da Silva, em *O arranjo educativo local: a experiência de Apucarana (PR)*; Maria Antônia G. da Silva, em *Diretrizes conceituais e metodológicas do Programa Bairro-Escola de Nova Iguaçu (RJ)*; Neuza Maria S. Macedo, Macaé Maria Evaristo, Madalena F. Godoy e Tadeu Rodrigo Ribeiro, em *A experiência da escola integrada em Belo Horizonte (MG)*; Lúcia Helena Couto, Ana Lúcia Sanches e Sonia Tatiane Ramos, em *Com mais, a criança faz muito: experiência da rede municipal de Diadema (SP)*, e Lucineide Pinheiro e Rosa Luciana P. Rodrigues, em *A experiência da rede municipal de ensino de Santarém (PA)*.

Os textos finais do livro contemplam, sobremaneira, as interfaces entre a escola, a sociedade civil e o Estado, dois deles revisitando os CIEP (Centros Integrados de Educação Pública) e seus pressupostos, em *A construção dos centros integrados em Americana e Santa Bárbara D'Oeste (SP)*, por Herb Carlini, e em *Das escolas do Amanhã ao ginásio carioca: a Trajetória da Educação Integral na cidade do Rio de Janeiro (RJ)*, por Heloísa Messias Mesquita, e os demais abordando a participação das organizações não governamentais no debate nacional: *Comunidades educativas: por uma educação para o desenvolvimento integral*, de Natacha G. da Costa; *A contribuição das organizações não governamentais para o debate da Educação Integral*, de Maria Júlia A. Gouveia, Lucia Helena Nilson e Stela Ferreira, e *Conexão Felipe Camarão: experiência de educação, cultura e tradição oral*, de Vera Santana.

É possível perceber, no conjunto de textos, a convergência de ideias dos diferentes autores ao problematizarem a escola pública e acenarem para as reais possibilidades de sua reinvenção, sendo a promoção da Educação Integral, aqui claramente compreendida em sua plenitude de formação humana, não só uma escolha metodológica, mas principalmente uma ação política, social e

filosófica. O volume da obra justifica-se pela consistência das reflexões nela contidas, oferecendo material substancial para a continuidade do debate sobre Educação Integral.

Texto recebido em 25 de março de 2012.

Texto aprovado em 20 de abril de 2012.